



# MARECHAL JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES

## Um Herói Singelo

*Roberto Machado de Oliveira Mafra (\*)*

(\*) – Ten. Cel. Cav QEMA

– Asp.: 15 Fev 55

– Ten. Cel.: 30 Ago 75, merecimento

– Cursos: AMAN, EsIE, EsAO e ECEME

– Curso civil: Aperfeiçoamento em Estudo de Problemas Brasileiros, da UERJ.

– Trabalhos publicados: Contos diversos, nas revistas "Aguilhas Negras", da AMAN, e "A Aspiração", do CMRJ.

– Palestras realizadas:

– "Candido Mariano da Silva Rondon, o Marechal da Paz", para o "Projeto Rondon", Recife/PE.

– "O Exército Brasileiro e a Consolidação da Independência", para a Universidade Federal de Pernambuco, em Recife/PE.

**P**or mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra sem que volte para lá; sem que leve por divisa esse V que simboliza a vitória que virá."

.....

E, para a glória do Brasil, essa vitória veio na mira do fuzil, na razão do bernal, na água do cantil, nas asas do ideal do soldado da Força Expedicionária Brasileira, sob o comando do General Mascarenhas de Moraes, sob a liderança de um herói singelo.

Esse modesto soldado nasceu a 13 de novembro de 1883, em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, de família não menos modesta. Seu pai, Lafayette Apolinário de Moraes, dedicava-se ao pequeno comércio, tendo sido também caixeiro-viajante; sua mãe, Manuela Mascarenhas de Moraes, além das funções caseiras, administrou pequena padaria, com a ajuda do filho de 10 anos que veio a ser Marechal do Exército Brasileiro.

A magnitude de sua vida militar pode ser seguida, paulatinamente, através da própria história da República Brasileira. Todos os movimentos e alterações da ordem ocorridos na República Velha e no alvorecer da Segunda República, irão encontrar este soldado, firme e sereno, ao lado da ordem estabelecida.

Em 1904, cadete da Escola Militar do Brasil, na Praia Vermelha, nega-se a participar da "Revolta da Vacina Obrigatória". Em 1922, Capitão comandante de Bateria no 1º Regimento de Artilharia Montada, na Vila Militar, Rio de Janeiro, permanece leal ao Governo e atua contra os cadetes revoltosos da Escola Militar do Realengo, partidários da "Revolta dos Tenentes". Em 1924, Major comandante de Grupo do 1º Regimento de Artilharia Montada, desloca-se com a tropa para São Paulo e combate os insurretos do General Isidoro Dias Lopes. Em 1930, Tenente-Coronel comandante da 3ª Brigada de Artilharia, em Cruz Alta, Rio Grande do Sul, permanece leal ao Governo de Washington Luiz, sendo preso por sargentos revoltosos, no 6º Regimento de Artilharia Montada, partidários da "Revolução Liberal". Em 1932, Coronel comandante do 1º Regimento de Artilharia Montada, na Vila Militar, não permite "manifestação de apreço ao Presidente da República", por seus oficiais, sendo exonerado do comando. Ainda em 1932, embora contrário à "Revolução Constitucionalista de São Paulo", é demitido do comando do 9º Regimento de Artilharia Montada, em Curitiba, por "suspeitas de simpatias" com aquele movimento paulista. A "Intentona Comunista" de 1935 vai encontrá-lo no comando da Escola Militar do Realengo onde, liderando seus oficiais, cadetes e praças, marcha contra a revoltada Escola de Aviação Militar dos Afonsos, ocupa posição e mantém a estrada Rio-São Paulo, enquanto as tropas da Vila Militar assaltavam e conquistavam o bastião vermelho.

Promovido a General de Brigada e à testa da 9ª Região Militar, em Campo Grande, Mato Grosso, assiste à passagem do Brasil para o "Estado Novo", que o confirma no comando.

A 2ª Guerra Mundial o encontrará, de 1939 a 1943, exercendo o comando, sucessivamente, da Artilharia Divisionária da 1ª Região Militar, no Rio de Janeiro, da 7ª Região Militar, em Recife, e da 2ª Região Militar, em São Paulo. Neste último, após promovido a General de Divisão, recebe convite do Ministro da Guerra para comandar uma das três Divisões de Infantaria que comporiam o Corpo Expedicionário Brasileiro, nossa representação nas forças aliadas no combate ao nazi-fascismo. No mesmo dia, responde afirmativamente, como era de esperar em soldado de sua estirpe.

Inicia-se, então, no comando da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, a fase mais gloriosa de sua vida, quando teria a oportunidade de, sob fogo, comandar soldados brasileiros.

Conhecemos seu árduo trabalho de organização da força brasileira, vencendo incontáveis dificuldades, das quais a maior seria a resistência oposta por elementos do próprio Governo, simpatizantes da causa que iria combater.

Na Itália, podemos acompanhar sua apreensão quando do emprego parcelado de sua Divisão, na região do Rio Serchio. Sua tristeza profunda, quando dos insucessos iniciais contra Monte Castelo. Sua satisfação com a conquista desse objetivo, com as operações no vale do Rio Marano, com a vitória de Castelnuovo, enfim,

com o fiel cumprimento da missão brasileira no "Plano Encore", do 4º Corpo de Exército Norteamericano, ao qual estava integrado.

Sentimos seu ardor ao solicitar e obter a conquista de Montese, negando-se a aceitar, para a força brasileira, a condição de simples espectadora, "mantendo as posições conquistadas e efetuando reconhecimentos agressivos", quando se iniciou a "Ofensiva da Primavera", em 1945.

Após a conquista de Montese, estava arrombada, a coices de fuzil e golpes de baioneta, a porta do vale do Rio Panaro. Por ela lançou-se o soldado brasileiro, sob a liderança de um herói singelo, aproveitando o êxito até Vignola, perseguindo tenazmente o inimigo após transpor o Rio Panaro, aprisionando a 148ª Divisão de Infantaria alemão, com seu comandante, General Otto Fretter Pico, a Divisão Bersagliere Itália, com o General Mario Carloni, e ainda remanescentes da famosa 90ª Divisão Panzer alemã.

E vão, finalmente, aqueles bravos soldados sul-americanos, apertar as mãos de seus aliados franceses, latinos como eles, em Susa, perto da fronteira da França.

Nessa pequena odisséia, que foi a campanha da Força Expedicionária Brasileira em campos da Itália, destaca-se a figura de seu comandante. Sempre modesto, sem as vaidades que tanto empanam a glória militar, mas com aquele justo orgulho de seus soldados e dos feitos das armas brasileiras.

Sentimos sua altivez e satisfação ao ver, pregadas em seu peito, as medalhas das nações amigas, junto às quais lutara. A "Legião do Mérito" e a "Estrela de Bronze", dos Estados Unidos da América; a "Ordem Nacional da Legião de Honra" e a "Cruz de Guerra, com Palma", da França; a "Ordem da Coroa" e a "Ordem do Mérito", da Itália.

Mas também sentimos sua tristeza e dor, ao serem encravadas em seu coração e em sua alma, as medalhas de sangue representadas pelas mortes, mutilações e ferimentos de seus "pracinhas", de seus filhos tão caros.

Regressando à Pátria, evita a glória fugaz dos cargos e honrarias. Passa para a Reserva, sendo promovido a General de Exército e, posteriormente, a Marechal do Exército Brasileiro.

Em 10 de dezembro de 1951, a Lei Especial do Congresso nº 1.488 o reverte ao serviço ativo, em caráter vitalício, mantendo assim entre os soldados brasileiros, até a sua morte em 17 de setembro de 1968, aquele velho soldado que tanto honrou seus comandados quando os conduziu, sob o fogo e ao lado da morte, em terras do Velho Mundo.

.....  
"— Por mais terras que eu percorra, não permita Deus que eu morra sem que volte para lá; sem que leve por divisa esse V que simboliza a vitória que virá."

A vitória que veio, para a glória do Brasil, trazida pelos bravos soldados da Força Expedicionária Brasileira, na mira dos seus fuzis, na ração dos seus bournais, na água dos seus cantis, nas asas dos seus ideais, liderados pelo modesto soldado JOÃO BAPTISTA MASCARENHAS DE MORAES, um herói singelo.